

A ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO INDÍGENA A PARTIR DE UM ESTUDO NAS PUBLICAÇÕES DA ÁREA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

LA ORGANIZACIÓN Y REPRESENTACIÓN DEL CONOCIMIENTO INDÍGENA A PARTIR DE UN ESTUDIO SOBRE PUBLICACIONES EN EL ÁREA DE CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN EN BRASIL

Ana Cristina de Albuquerque¹ ORCID ID <https://orcid.org/0000-0003-3506-0479>

Marcos Antonio de Moraes² ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8308-8148>

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil, albulanati@uel.br.

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil, marcosmoraes@uel.br.

Resumo

Considera-se, neste trabalho que a Organização e Representação do Conhecimento, são um elo entre os conhecimentos de culturas específicas, como a indígena, registrada e disponibilizada, e os usuários. Os aspectos de cultura e tradição de etnias, de acordo com a rede conceitual elaborada, encontrariam lugar de representação em instituições informacionais, que, por vezes, não encontram lugar de representação nesses sistemas. Diante do exposto, o presente trabalho norteia-se a partir da literatura de Ciência da Informação brasileira, e questiona como são tratadas especificidades da cultura indígena, à luz da Organização e Representação do Conhecimento tendo como objetivo identificar as tradições epistemológica, teórica e metodológica referentes à Organização e Representação do Conhecimento Indígena em artigos de periódicos brasileiros. Justifica-se que este estudo faz frente a diferentes perspectivas do histórico processo de segregação imposto às comunidades indígenas nacionais, como a falta de representação de sua cultura por instituições informacionais, a perda gradativa de elementos tradicionais e a separação entre memória e objeto, tão cara à contextualização que servirá para a recuperação de informações pelos usuários. Pretende-se contribuir com as discussões voltadas à observância do conhecimento como um processo social, relacionado à diferentes culturas, que se constituem pelos sujeitos históricos e comunidades discursivas, no âmbito dos processos sociais.

Palavras-chave: ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO; REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO; CONHECIMENTO INDÍGENA; SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.

Resumen

Se considera, en este trabajo, que la Organización y Representación del Conocimiento son un vínculo entre los saberes de culturas específicas, como la indígena, registrados y puestos a disposición, y los usuarios. Aspectos de la cultura y tradición de los grupos étnicos, de acuerdo con la red conceptual elaborada, encontrarían un lugar de representación en las instituciones informacionales, que a veces no encuentran un lugar de representación en estos sistemas. Dado lo anterior, el presente trabajo se guía por la literatura brasileña de Ciencias de la Información y cuestiona cómo se tratan las especificidades de la cultura indígena, a la luz de la Organización y Representación del Conocimiento, con el objetivo de identificar las tradiciones epistemológicas, teóricas y metodológicas que se refieren a la Organización y Representación del Conocimiento Indígena en artículos de revistas brasileñas. Se justifica que este estudio aborde diferentes perspectivas del proceso histórico de segregación impuesto a las comunidades indígenas nacionales, tales como la falta de representación de su cultura por parte de las instituciones informativas, la pérdida paulatina de elementos tradicionales y la separación entre memoria y objeto, por lo que costoso a la contextualización que servirá para la recuperación de información por parte de los usuarios. Se pretende contribuir a discusiones centradas en la observancia del conocimiento como proceso social, relacionado con las diferentes culturas, que están constituidas por sujetos históricos y comunidades discursivas, en el ámbito de los procesos sociales.

Palabras clave: ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO; REPRESENTACIÓN DEL CONOCIMIENTO; SABER INDÍGENA; SISTEMAS DE ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO.

Abstract

It is considered, in this work, that the Organization and Representation of Knowledge are a link between the knowledge of specific cultures, such as the indigenous, registered and made available, and the users. Aspects of culture and tradition of ethnic groups, according to the elaborated conceptual network, would find a place of representation in informational institutions, which sometimes do not find a place of representation in these systems. Given the above, the present work is guided by the Brazilian Information Science literature, and questions how specificities of indigenous culture are treated, in the light of the Organization and Representation of Knowledge, aiming to identify the epistemological, theoretical and methodological traditions referring to to the Organization and Representation of Indigenous Knowledge in Brazilian journal articles. It is justified that this study deals with different perspectives of the historical process of segregation imposed on national indigenous communities, such as the lack of representation of their culture by informational institutions, the gradual loss of traditional elements and the separation between memory and object, so expensive to the contextualization that will serve for the retrieval of information by users. It is intended to contribute to discussions focused on the observance of knowledge as a social process, related

to different cultures, which are constituted by historical subjects and discursive communities, within the scope of social processes.

Keywords: KNOWLEDGE ORGANIZATION; KNOWLEDGE REPRESENTATION; INDIGENOUS KNOWLEDGE; KNOWLEDGE ORGANIZATION SYSTEMS.

Introdução

Tratar de Organização do Conhecimento (OC), no campo da Ciência da Informação, é discutir sobre os processos que aludem à construção de modelos, assim como de representações de conhecimento, que possibilitam a visualização e compreensão da cadeia conceitual presente no âmbito dos diferentes documentos e ambientes que se pretende representar. Desta forma, a Organização do Conhecimento se atém, de maneira teórico-aplicada, a construção de representações de conhecimento, onde o alicerce principal é a análise e caracterização dos conceitos, para que estes possam ter determinações específicas, conforme o domínio em que estão alocados.

Conforme Hjørland (2003), a OC se caracteriza por um conceito amplo que congrega também a Organização da Informação dispostas em registros bibliográficos, o que inclui os índices de citação, textos, catálogos e informações dispostas no ambiente digital. O referido autor apresenta duas abordagens para a OC: a) organização intelectual do conhecimento, ou organização cognitiva do conhecimento, que é direcionada para a utilização dos conceitos, sistemas conceituais e teorias; e b) a organização social do conhecimento, que trata da organização em profissões, negócios e disciplinas. Neste sentido, o autor propõe uma compreensão voltada ao sentido mais específicos da OC, direcionada para a elaboração e utilização de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como os sistemas de classificação, tesouros ou taxonomias; e um sentido mais amplo, que tem como base principal a organização social do conhecimento, que serve para entendimento dos processos categoriais, hierárquicos e de contexto social, em diferentes ambiências e domínios.

Por sua vez, Dahlberg (1978), explica que organizar conhecimento implica em organizar estruturas mentais a partir das unidades de conhecimento, que são os conceitos, ou ainda, a menor unidade do conhecimento, que é enunciado por um

referente e representado por um significante. De acordo com a autora, toda organização do conhecimento deve estar baseada no conceito para sistematizar e representar o conhecimento. Os sistemas conceituais como os sistemas de classificação, tesouros e ontologias, são instrumentos construídos para organização dos conceitos. Assim, quando uma representação de mundo é elaborada e uma organização de conceitos é representada por um significante, resulta em um produto da organização do conhecimento, pois, segundo (DAHLBERG, 1978, p.5):

Se o conhecimento pode ser considerado a totalidade de proposições verdadeiras sobre o mundo, existindo – em geral – nos documentos ou nas cabeças das pessoas, então o conhecimento pode parecer existir também em todas as afirmações verdadeiras (em todos os julgamentos) e em todas as proposições científicas que obedecem a um postulado verdadeiro.

Neste sentido, Bräscher e Carlan (2010), explicam que o conceito como unidade do pensamento é constituído por ideias, significados, categorias de objetos e eventos, sendo a base de diversos sistemas de organização do conhecimento (BRÄSCHER; CARLAN, 2010, p. 155).

Segundo Rabello e Guimarães (2006), a organização do conhecimento contribui com o núcleo da Ciência da Informação numa relação técnico-científica, nos aspectos éticos e humanos e no uso da tecnologia da informação com objetivo de maximizar as formas de disseminação e recuperação da informação. Os autores inserem a discussão nos processos de produção do conhecimento registrado, a sua organização, que se faz mediante sistemas de organização do conhecimento como os planos de classificação, tesouros, vocabulários controlados e o controle de acesso e uso da informação. Segundo Barité (2013, p. 97, tradução nossa), a organização do conhecimento é:

[...] área do conhecimento de formação recente, que estuda as leis, os princípios e os procedimentos pelos quais se estrutura o conhecimento especializado em qualquer disciplina, com a finalidade de representar tematicamente e de recuperar a informação contida em documentos de qualquer índole, por meios eficientes que deem resposta rápida às necessidades dos usuários. (BARITÉ, 2013, p. 97, tradução nossa)

Desta forma a OC: “[...]procura, entonces, brindar un continente conceptual adecuado a las diversas prácticas e actividades sociales vinculadas con el acceso al conocimiento [...]”,(Barité, 2001, p. 39-40), como o tratamento e gestão de uso da informação. O autor explica que a OC se caracteriza também como agregadora dos fenômenos teóricos e das atividades aplicadas que, encadeadas, vinculam a

estruturação, disposição, acesso e a difusão do conhecimento socializado. Assim, os aspectos característicos da OC estão ligados ao compartilhamento e melhores formas de atingir o usuário, por meio da recuperação de informações que dialoguem com suas escolhas e contextos. Tem o objetivo de desenvolver métodos e técnicas de gestão, uso e avaliação do conhecimento materializado e representá-lo por linguagens documentais e considera o conhecimento registrado, como conhecimento socializado (BARITÉ, 2013).

A organização, conseqüentemente terá a representação associada à facilitar a recuperação e o acesso ao conhecimento registrado, disponíveis em recursos informacionais. De acordo com Lima e Alvares (2012), a recuperação do conhecimento é um esforço de materialização do que ocorre na mente humana e na dinâmica do conhecimento. As autoras enfatizam que essa é uma atividade que desafia a comunidade científica de diversos campos do saber. As representações aparecem sob diversas formas, como: descritivas, matemáticas, visuais, informáticas, entre outras (LIMA; ALVARES, 2012, p. 33-34). Representar o conhecimento, portanto, compreende em criar modelos lógicos e acessíveis de referências para determinado contexto informativo.

Para Dahlberg (2006), a recuperação da informação se caracteriza por dois aspectos: o primeiro como uma estrutura lógica de representação conceitual, resultante da atividade de organização do conhecimento e o segundo como resultado da representação de conteúdo pela identificação de conceitos em função da terminologia utilizada. Estas duas funções são explicitadas pela recuperação do conhecimento: o desenvolvimento de processos e a geração de produtos. Os processos podem ser compreendidos como a etapa de identificação, análise e elaboração de representações conceituais do conhecimento, enquanto a geração de produtos se caracteriza pelos instrumentos produzidos por esses processos, como os tesouros, vocabulários controlados, ontologias, sistemas de classificação, ou seja, pelos SOC.

Com uma perspectiva que pode ser considerada esquemática para compreensão conceitual dos processos da OC, Tennis (2008), explica que esta é composta por três “tradições” que sustentam os aspectos que a constituem: a tradição epistemológica, a tradição teórica e a tradição metodológica (TENNIS, 2008).

Para a tradição epistemológica, o autor propõe uma delimitação do

universo do conhecimento que carece de ser representado e organizado, considerando as distinções conceituais de conhecimento, informação e documento, as discussões da organização do conhecimento feita por filósofos e cientistas da informação e como conciliar a tradição positivista que considera o conhecimento estruturado naturalmente, com a tradição pragmática que considera o conhecimento estruturado de acordo com interesses e necessidades (TENNIS, 2008).

Para a tradição teórica, faz alusão aos caminhos percorridos na procura do delineamento da área e as teorias que constroem a Organização do Conhecimento, os aspectos terminológicos, as questões de interdisciplinaridade e os modelos sistematizados e estruturados de organização do conhecimento (TENNIS, 2008).

Para a tradição metodológica, trata dos métodos, dos enfoques culturais e éticos e da garantia de qualidade dos instrumentos e produtos da área (TENNIS, 2008).

Considera-se, neste trabalho que a Organização e Representação do Conhecimento, seria um elo entre os conhecimentos de culturas específicas, como a indígena, registrada e disponibilizada, e os usuários. Os aspectos de cultura e tradição de etnias, de acordo com a rede conceitual elaborada, encontrariam lugar de representação em instituições informacionais, que, por vezes, não encontram esse lugar de representação nos sistemas.

Diante do exposto, o presente trabalho norteia-se a partir da literatura de Ciência da Informação brasileira, e questiona como são tratadas especificidades da cultura indígena, à luz da Organização e Representação do Conhecimento tendo como objetivo identificar as tradições epistemológica, teórica e metodológica referentes à Organização e Representação do Conhecimento Indígena em artigos de periódicos brasileiros.

Justifica-se que este estudo faz frente a diferentes perspectivas do histórico processo de segregação imposto às comunidades indígenas nacionais, como a falta de representação de sua cultura por instituições informacionais, a perda gradativa de elementos tradicionais e a separação entre memória e objeto, tão cara à contextualização que servirá para a recuperação de informações pelos usuários.

Pretende-se contribuir com as discussões voltadas à observância do conhecimento como um processo social, relacionado à diferentes culturas, etnias e fatores que se

constituem pelos sujeitos históricos e comunidades discursivas, no âmbito dos processos sociais.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos se caracterizaram como bibliográficos, exploratórios e qualitativos. A busca se deu em periódicos Qualis A1 e A2, classificação CAPES 2016, com um corte temporal de 5 anos, 2017 a 2021. As palavras-chave foram definidas em: “organização do conhecimento indígena”, “representação do conhecimento indígena” e, em um segundo momento, de forma mais ampla com “indígena”. A Análise de Conteúdo foi a base para a discussão e análise dos trabalhos levantados e elaboração das inferências. Enfatiza-se que nem todos os artigos recuperados utilizam referenciais ou fazem parte do domínio da ORC, no entanto foram analisados, considerando a integração da proposição de Tennis (2008), que coloca as tradições epistemológica, teórica e metodológica como ferramentas de análise crítica para a compreensão dos fenômenos que influenciarão na elaboração de SOCs coerentes com a realidade que se pretende representar, ou seja, todo material sobre determinado domínio do conhecimento, fornece informações importantes para delimitar a caracterização e direcionamento da representação da informação nestas ferramentas e produtos.

Análise e discussão dos resultados

A riqueza cultural de comunidades indígenas brasileiras demonstra que, cada uma a seu modo, possuem particularidades que revelam suas formas de organização social, a caracterização linguística, as estruturas em que se constituem a religiosidade, as marcações da arte, ou seja, fatores particulares que unem de forma cultural, mas que distinguem cada grupo. No âmbito da Ciência da Informação, as questões voltadas às informações indígenas sempre estiveram em pauta, mas de forma ainda pouco frequente.

Tratando de fontes de informação indígena, Paiva (2014), explica que a partir das discussões do objeto informacional na CI e de suas definições, é possível entender que os modos de narrativas indígenas:

[...] embora não tenham sido concebidas como tal, podem se constituir fontes de informação indígena. Ao narrarem as histórias, os indígenas visam manter as tradições de seu povo, mas, ao dar a conhecer à sociedade as narrativas, tornam-se

fontes de informação. As narrativas indígenas informam sobre usos e costumes, valores morais, crenças, além da flora e da fauna regionais.

As autoras contextualizam os estudos do indigenismo quanto a informação e explicam que, na década de 1960, a *Library and Information Science Abstracts* (LISA), disponibilizou uma categoria de classificação, que foi ao encontro do momento de desenvolvimento das tecnologias de informação e dos debates, na época, sobre globalização. Esta iniciativa teve resultados como a adoção de medidas, por parte dos governos, de temáticas específicas indígenas, fato que lidava com as configurações econômicas mundiais e como modelo de tecnologias de informação e comunicação que se pensava à época.

Em um cenário nacional, de acordo com França e Silveira (2014), as políticas implementadas na segunda metade do século XX, foram importantes não só para a conquista de direitos, que enfatizaram a proteção de territórios e a preservação da cultura, mas também possibilitaram a manifestação de representações culturais a partir da literatura e artes pelos próprios indígenas. As autoras citam a produção de materiais didáticos para serem utilizados no sistema educacional em aldeias e o incentivo à produção individual literária pelas comunidades (França e Silveira, 2014).

Por outro lado, e fazendo referência a um momento mais recente das políticas públicas indigenistas brasileiras, Matos e Maimone (2019), explicam que foram feitas mudanças que ameaçam as questões de especificidade cultural e que a Ciência da Informação, como uma ciência social, deve voltar sua atenção ao contexto e às discussões de como a informação indígena é tratada nas ambiências informacionais. No âmbito da Organização e Representação do Conhecimento, as mudanças nas políticas e as discussões implementadas se mostram como formas de compreender o universo particular e principalmente, tentar elaborar Sistemas de Organização do Conhecimento que contemplem as especificidades culturais, não deixando de lado as premissas dos tipos de instituições que armazenam documentos indígenas e dos diferentes usuários que precisam recuperar informações.

Considerando que a OC se constitui tanto com atividades que incidem na ordenação e representação do conhecimento e das informações, quanto como um espaço de discussões teórico-metodológicas que se voltam para a melhor compreensão dos processos e da elaboração dos SOC, os resultados das buscas foram os seguintes:

Quadro 1: Resultados

ANO	AUTORES (AS)	TÍTULO	PERIÓDICO
2017	PRADO, H. L.; SERAFIM, J. S.; COELHO, C. D.; BARTALO, L.	A competência em informação dos estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina	Encontros Bibli
2018	VAN VELTHEM, L. H.; BENCHIMOL, A.	Museus, coleções, exposições e povos indígenas	Em Questão
2018	MAROLDI, A. M.; LIMA, L. F. M.; HAYASHI, M. C. P. I.	Análise de citações presentes em teses e dissertações sobre educação indígena	Informação&Informação
2019	OLIVEIRA, W. S.; ALMEIDA, M. A.	Os Paiteer-Suruí e a apropriação social da tecnologia, informação e comunicação: da memória oral para a memória digital	Informação&Informação
2020	MAGALHÃES, S. P.	Minorias linguísticas, documentos biblioteconômicos e a realidade de uma biblioteca pública na Amazônia	Perspectivas em Ciência da Informação
2020	RAMOS-MANCILLA, O.	El agregado digital en las juventudes indígenas: entre desigualdades y representaciones locales	Perspectivas em Ciência da Informação
2020	CURY, M. X.	Repatriamento e remanescentes humanos - musealia, musealidade e musealização de objetos indígenas	Em Questão

Fonte: elaborado pelos autores

O Quadro 1 demonstra que foram recuperados 7 (sete) artigos, no período proposto de 2017 a 2021. A quantidade de artigos expressa a pouca produção da área sobre a temática analisada. Sobre este fato, Matos e Maiomone (2019), afirmam que as questões relativas à cultura indígena e aos seus aspectos informacionais ainda não alcançaram uma amplitude de pesquisas na área, mas que os profissionais da informação estão cada vez mais se aproximando das questões específicas e assim, também, tendo um papel mais ativo na compreensão da identidade nacional como um todo.

Após a coleta, os artigos foram separados pela proximidade com as “tradições” da OC, propostas por Tennis (2008).

Na tradição epistemológica, são propostas delimitações do universo do conhecimento que será organizado e conseqüentemente representado. (TENNIS, 2008). De acordo com o autor, a epistemologia se mostra como uma parte importante das análises na OC porque reflete as características das linguagens, que é a matéria prima para elaboração de SOC.

No âmbito da tradição epistemológica, tem-se a seguinte análise:

Quadro 2: Quanto a “tradição epistemológica”

AUTORES	QUANTO A “TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA”
Prado et al, 2017	- delimitação de etnias presentes na UEL, faixa etária, região de moradia e cursos escolhidos
Van Velthem e Bhenchimol (2018)	- Variadas e complexas formas de organização social, política, econômica; - Uso de uma língua diferenciada; - A elaboração de um sistema de crenças e de uma concepção de mundo específicas que são aspectos estreitamente vinculados ao território” - Nova perspectiva para aspecto políticos ligados aos fatores expositivos nos museus, referente a cultura indígena
Maroldi et al (2018)	- estudo de citações relativas a educação indígena em teses e dissertações nas áreas das humanidades
Oliveira e Almeida (2019)	- contextualização regional e cultural dos Paiter-Surui com o objetivo de compreender o modo de vida e consequentemente sua memória e tradição, que seriam representadas, em parceria com um projeto da google. - Tradição oral para a mídia digital.
Magalhães (2020)	- delimita o universo do conhecimento a partir da contextualização dos documentos que tratam de minorias linguísticas
Ramos-Mancilla (2020)	- características das condições de conectividade e os conteúdos que os jovens produzem e compartilham. Esses conteúdos refletem as interações que eles experimentam entre seus mundos locais e as possibilidades fora de seus locais de origem
Cury (2020)	- delimita o domínio do conhecimento a partir de aspectos espirituais da cultura indígena, por exemplo, o que para o museu é “coisa” e “objeto”, para algumas culturas é “ser humano”

Fonte: elaborado pelos autores

Nesse sentido, os 7 (sete) artigos recuperados foram analisados sob esta perspectiva. Em Prado et al. (2017), os autores partem do referencial da competência em informação para contextualizar as formas de aprendizagem acadêmica de estudantes indígenas que ingressam no vestibular da Universidade Estadual de Londrina, UEL. Os autores realizam o estudo a partir da caracterização do universo destes estudantes como quais etnias estão presentes, qual a faixa etária e de quais regiões são oriundos, mostrando assim, um mapa das tradições culturais indígenas que convivem no ambiente acadêmico da referida universidade.

Em Van Velthem e Bhenchimol (2018), os autores propõem discutir quais os vínculos de museus de antropologia com as suas próprias coleções etnográficas a partir da reserva técnica onde o acervo é armazenado e da exposição que se faz deste acervo, para determinar os sentidos que são dados a estes objetos. Assim, perpassam pelas variadas formas de organização social, política e econômica, evidenciam o uso das diferenças da língua e de expressões linguísticas, assim como um sistema de crenças e concepção de mundo específica, que darão base para a produção material da determinada cultura indígena como um olhar e entendimento próprio.

Em Maroldi et al (2018), a delimitação e estudo das citações indígenas em teses e dissertações brasileiras, mostra todo um contexto, a partir de uma leitura histórica, das iniciativas pedagógicas na cultura indígena no Brasil, passando pelos jesuítas até as perspectivas acadêmicas, o que dão base para a compreensão do estado do

que os autores chamam de “Educação escolar indígena”.

Em Oliveira e Almeida (2019), os autores se fixam particularmente na comunidade indígena Paiter-Suruí, para compreender o modo de vida, tradições e transmissão da memória, que objetiva descrever como estes fatos são transpostos para um projeto que visa a divulgação da cultura oral através das mídias digitais.

Em Magalhães (2020), são estudados documentos da Biblioteconomia que se referem à observância das minorias linguísticas para a discussão das igualdades informacionais em uma biblioteca específica.

Já Ramos-Mancilla (2020), parte de uma abordagem etnográfica para expor condições de conectividade de jovens de aldeias no México e como estes delimitam seu universo com trocas de experiências sobre seus locais de origem e as interações que podem dali, gerar conhecimento.

Em Cury (2020), é feito um estudo sobre o domínio de conhecimento a partir de aspectos espirituais da cultura indígena, e sobre como os museus devem se atentar às particularidades de visão de mundo dessas culturas.

Em diálogo com Tennis (2008), é possível perceber que a tradição epistemológica pode ser vista como uma ferramenta para abordar criticamente o conhecimento senso comum, pois inclui de forma objetiva o que se representará através da classificação, indexação e nos diferentes SOC, questões que também perpassam pela tradição metodológica (Tennis, 20018).

Para o referido autor, a epistemologia, é a possibilidade de compreender qual conhecimento é válido para o desenvolvimento das pesquisas em OC e, conseqüentemente, indicar caminhos, através da análise crítica, para escolher fontes aceitáveis e confiáveis, ou seja, é uma postura epistêmica que propõe delinear uma concepção mais harmônica da realidade como é conhecida e como ela se liga aos diferentes significados ou contextos sociais (TENNIS, 2008), portanto, em seus escopos e proposições teóricas, todos os artigos recuperados dialogam com essa tradição.

Passando para a tradição teórica, Tennis (2008), explica que é como são feitas alusões aos caminhos percorridos na procura do delineamento da área, os aspectos terminológicos, as questões de interdisciplinaridade e os modelos sistematizados e estruturados de organização do conhecimento.

No âmbito da tradição epistemológica, tem-se a seguinte análise:

Quadro 3: Quanto a “tradição teórica”

AUTORES	QUANTO A “TRADIÇÃO TEÓRICA”
Magalhães (2020)	- ao se reportar à Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, a autora também especifica alguns aspectos terminológicos e chama atenção para conceitos específicos da cultura indígena.
Cury (2020)	- ao tratar as questões de espiritualidade indígena, a autora também propõe delimitações terminológicas específicas que podem auxiliar os profissionais de museu a compreender e organizar e representar melhor os artefatos que armazenam.

Fonte: elaborado pelos autores

Nesse sentido, 2 (dois) artigos recuperados foram analisados sob esta perspectiva.

Em Magalhães (2020), ao analisar os documentos oriundos do campo da Biblioteconomia e se reportar à Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, a autora também especifica alguns aspectos terminológicos e chama atenção para conceitos específicos da cultura indígena.

Em Cury (2020), ao tratar as questões de espiritualidade indígena, a autora também propõe delimitações terminológicas específicas que podem auxiliar os profissionais de museu a compreender e organizar e representar melhor os artefatos que armazenam.

Na tradição teórica, Tennis (2008), explica que esta é o conjunto de proposições que são utilizadas para explicar fenômenos e que podem ser compreendidas, em um sentido geral, como unificadoras de fenômenos, ou seja, as narrativas podem tender a preservar ou a mudar o ponto de vista sobre determinados fenômenos, pois dependem da postura epistêmica que estão sendo analisadas.

As proposições fazem parte da teoria e os fenômenos são compreendidos a partir das posturas epistêmicas, no caso, dos profissionais e estudiosos da OC.

A terceira “tradição” é a metodológica, onde o foco está nos métodos, nos enfoques culturais e éticos e da garantia de qualidade dos instrumentos e produtos da área (TENNIS, 2008).

No âmbito da tradição epistemológica, tem-se a seguinte análise:

Quadro 4: Quanto a “tradição metodológica”

AUTORES	QUANTO A “TRADIÇÃO METODOLÓGICA”
Van Velthem e Benchimol (2018)	<ul style="list-style-type: none"> - para as demandas indígenas de valorização cultural na medida em que as coleções etnográficas se revestiriam de um novo papel, político e social, pois considerariam que as coleções possuem uma relação de continuidade com as culturas de origem - “afirmação identitária indígena”
Magalhães (2020)	- analisa quais são os instrumentos de representação que uma biblioteca pública deve ter para atender as necessidades exclusivas da comunidade sobre e de minorias linguísticas. Se baseia nas diretrizes da IFLA
Cury (2020)	- ressalta que a visão espiritual dos indígenas e que emergem em suas coleções, deve ser conhecida pelos profissionais dos museus para a construção de novas práticas museais e de novas relações entre indígenas e museus, todas elas baseadas no respeito

Fonte: elaborado pelos autores

Nesse sentido, 3 (três) artigos recuperados foram analisados sob esta perspectiva.

Em Van Velthem e Benchimol (2018), os autores partem para a explicação e entendimento das demandas indígenas de valorização cultural na medida em que as coleções etnográficas se revestiriam de um novo papel, político e social, pois considerariam que as coleções possuem uma relação de continuidade com as culturas de origem. Estas demandas incidem na “afirmação identitária indígena”, que vem também da construção de uma abordagem de divulgação científica na sociedade de forma geral e da compreensão de fatores contextuais dentro dos próprios museus.

Em Magalhães (2020), a análise é feita pensando em quais são os instrumentos de representação que uma biblioteca pública deve ter para atender as necessidades exclusivas da comunidade sobre e de minorias linguísticas. A autora se baseia nas diretrizes da IFLA e infere que os processos metodológicos de construção destes instrumentos perpassam pelas discussões de acesso e igualdade linguística, assim como uma predisposição da unidade informacional em ter uma política voltada à culturas específicas como a indígena.

Em Cury (2020), é ressaltada a visão espiritual dos indígenas que emergem em suas coleções, e que esta deve ser conhecida pelos profissionais dos museus para a construção de novas práticas museais e de novas relações entre indígenas e museus, todas elas baseadas no respeito e visão crítica quanto às diferentes culturas.

A tradição metodológica se caracteriza como a combinação do olhar epistêmico e dos métodos e técnicas de investigação que formam uma prática, de acordo com o

Ressalta-se que a caracterização de diferentes etnias e aspectos culturais, estão diretamente ligadas à dinâmica social destes grupos, que devem ser observadas para que possamos ter representações adequadas por meio do estudo de vocabulários controlados, sistemas de classificação ou tesouros, conseqüentemente inserindo contribuições para uma abertura de discussões no âmbito da CI, e da Organização e Representação do Conhecimento.

Referências

Bräscher, M., & Carlan, E. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. (2022) In: Robredo, J.; & Bräscher, M. (Orgs.). *Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento*. Cap.8. Brasília: IBICT. Recuperado em 7 junho 2022, de <http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>

Dahlberg, I. Teoria do conceito. (1978). *Ciência da Informação*. Rio de Janeiro, 7 (2), 101-107.

França, A., & Silveira, N. C. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. (2004). *Transinformação*, 26 (1), 67-76. Recuperado em 26 dezembro 2022, de 10.1590/S0103-37862014000100007 .

Hjørland, B. (2003). Fundamentals of knowledge organization. In: TRAVIESO, C. (org.). *Tendencias de investigación em organización del conocimiento*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca.

Maimone, G. D., & Matos, A. P. de. (2019). Culturas indígenas sob a perspectiva da Ciência da Informação. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, 13(3), 46–55. Recuperado em 26 dezembro 2022, de <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2019.v13n3.05.p46>

Rabello, R., & Guimarães, J. A. C. (2006). A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão. In: VII ENANCIB, Unesp – Marília, 2006. *Anais...* Marília, 2006. Recuperado em 7 jan. 2022, de <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiencib/paper/viewFile/2377/1508>

Tennis, J. Epistemology, theory, and methodology in knowledge organization: toward a classification, metatheory, and research framework. (2008). *Knowledge Organization*, Wurzburg, 35, (2/3), 102-112.